

Trajectórias Pessoais e Identidade(s) Profissionais: o caso dos Assistentes Sociais

Cristóvão Margarido e Ricardo Vieira

Centro de Investigação Identidades e Diversidades/Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)

Palavras-chave: *habitus*, trajectória social, identidade profissional, identidade pessoal, (re)invenção de si, práticas e representações sociais.

A presente comunicação visa apresentar parte de uma pesquisa cujo enfoque principal radica na compreensão do processo de (re)construção identitária e profissional de Assistentes Sociais.

O indivíduo desenvolve-se percorrendo um caminho comum mas também é verdade que se desenvolve como nenhum outro ser humano, vive num determinado contexto social, estabelece relações com determinadas pessoas, faz parte de uma determinada família e tudo isto torna a sua evolução única, assim como a sua identidade. Desta forma, a vida do indivíduo é pautada por diversas transformações que ocorrem a vários níveis, nomeadamente a nível pessoal e a nível profissional em que cada um destes níveis se influencia mutuamente. Neste sentido recorreremos a pesquisa qualitativa e análise de conteúdo de narrativas resultantes de entrevistas etnobiográficas, no sentido de desocultar incidentes críticos que tenham sido preponderantes na forma dos sujeitos habitarem a profissão de Assistente Social.

Apresentar-se-á parte de uma entrevista exploratória a uma Assistente Social e consequente análise de conteúdo da mesma. Com recurso a extractos da voz da profissional entrevistada tentaremos interpretar os contextos, situações, acontecimentos, acasos, acidentes, incidentes críticos e experiências formadoras que influenciaram o seu eu profissional ao longo da trajectória biográfica.

The aim of the present communication is to present part of a study focused mainly on understanding the process of professional and identity (re)construction of Social Workers.

An individual develops by following a common route, but it is also true that (s)he develops like no other human being, lives in a social context, establishes relationships with certain people, is part of a particular family, and all this makes his/her evolution, and identity, unique. Thus, an individual's life is regulated by various transformations which take place at various levels, especially on a personal and on a professional level, mutually

influencing each other. Therefore, we will resort to a qualitative research and analysis of the content of discourses resulting from ethnobiographical interviews, aimed at revealing critical incidents that prevailed in the manner in which Social Workers face their profession.

Part of an exploratory interview with a Social Worker and consequent analysis of the content will be presented. By using excerpts of the recorded interview, we will try to interpret the contexts, situations, events, incidents, accidents, critical events and experiences that influenced their professional self throughout their biographical trajectory.

1. ETNOGRAFIA E HISTÓRIAS DE VIDA: TEXTO E CONTEXTO

Sendo o tema desta investigação “*Os Assistentes Sociais: Trajectórias Pessoais, (re) construção identitária, representações e práticas profissionais*” a recolha e análise de testemunhos, narrativas, biografias educativas e histórias de vida, junto de profissionais desta área, tornam-se métodos e técnicas fundamentais.

“O desafio de compreender a vida através, de biografias e genealogias, parece-me um método cheio de potencialidades, do qual a educação moderna pode servir-se, no entendimento das representações sociais e na mudança desejável, em face das novas exigências sociais.” (Vieira, 1999: 71)

As histórias de vida são consideradas também como “[...] *uma boa técnica para a familiarização do investigador com as problemáticas que se quer estudar [...] em que a atitude do investigador com as problemáticas quer e deve ser de escuta atenta, de empatia e de exploração [...]*” (Poirier, 1995: 87)

Josso diz-nos que é importante questionar e reflectir mais pormenorizadamente sobre as histórias de vida, denominadas pela autora por *narrativas de vida*, de forma a conhecer melhor os processos de formação (pessoal e profissional) como processo de conhecimento, “[...] *em particular as origens dos registos na sua forma de contar ou interpretar*” (Josso, 2002: 107).

Os estudos com origem nas tradições da fenomenologia e da etnografia, salientam geralmente o facto de que:

“[...] o mundo social não pode ser compreendido em termos de relações causais ou de leis universais. Isto deve-se ao facto das acções humanas se basearem e serem condicionadas por interpretações de carácter social: intenções, motivos, atitudes e crenças” (Stew, 1996: 588).

A propósito desta diversidade de interpretações, Telmo Caria refere-se à etnografia como estratégia de investigação:

“A etnografia ao ser utilizada como estratégia de investigação pelas diferentes Ciências Sociais torna-se, hoje, especialmente útil para abordar o banal e o familiar, e o que se encontra mais próximo, permitindo identificar a diversidade cultural daquilo que aparenta ser tão igual ou comum a «nós»”. (Caria, 2003: 12)

Assim, nesta pesquisa, a metodologia etnográfica é fundamental pois consideramos que é o caminho mais indicado para conhecermos os domínios mais subjectivos dos sujeitos. Isto porque este método nos exige o contacto com os indivíduos, e sua realidade, assim como *“uma maior proximidade com as pessoas e com o trabalho que estas desenvolvem”* (Ribeiro, 2003: 23)

A entrevista em profundidade fornece-nos material autobiográfico que nos é apresentado nas próprias palavras do informante onde este descreve e fala da sua vida e onde nos dá um testemunho único que permite a compreensão das representações do profissional, suas formas de agir e incidentes/marcos no percurso de vida do mesmo que só cada um é capaz de descortinar e assumir como marcante para a auto-formação pessoal e social.

Temos assim um informador privilegiado, cuja entrevista é usada neste texto como entrevista exploratória, que narra o seu percurso de vida, separando-se *“[...] de uma história colectiva e reportando-se a um discurso pessoal que ele próprio estrutura.”* (Guerra, 2006: 17)

Neste tipo de entrevista, é importante deixar o entrevistado falar livremente, uma vez que quanto menor for a intervenção do entrevistador maior será a riqueza da informação recolhida, *“ [...] dado que a lógica e a racionalidade do informante emergirá mais intacta e menos influenciada pelas perguntas.”* (Guerra, 2006: 51). Momentos há em que o texto é construído *“sem intermediários, pelo próprio sujeito, que se conta livremente”* (Poirier, 1995:19).

A etnografia, socorrendo-se da interacção com o entrevistado no seu próprio ambiente, surge assim neste estudo como um caminho metodológico para compreender os Assistentes Sociais a partir do seu próprio mundo subjectivo e reflexivo, usando as suas próprias vozes. Trata-se ainda de um estudo embrionário pelo que se apresentam apenas alguns extractos duma entrevista exploratória já realizada. De qualquer forma, em termos teóricos, pode dizer-se que se trata de entrevistas etnográficas pelas seguintes razões:

- São entrevistas abertas e em profundidade, realizadas em contexto de trabalho;

- As entrevistas surgem apenas quando já há um clima de interacção que permita conversas prolongadas entre entrevistador e entrevistado;
- Mais do que perguntar, o entrevistador quer ouvir;
- Ao contrário das entrevistas jornalísticas e outras, a entrevista etnográfica usa um guião simples e aberto que suscita a vontade do entrevistado se contar e reflectir acerca da sua narrativa e da sua própria construção;
- O papel do entrevistador, neste tipo de entrevista, é essencialmente o de mediador e potenciador da auto-reflexão do entrevistado;
- Sempre que haja perguntas mais ou menos directas, o que é de evitar, elas surgem a partir das próprias respostas do entrevistado e nunca de categorias pré-construídas.

O interesse deste tipo de entrevista prende-se com o problema enunciado na construção do objecto de estudo. Se partimos do princípio que para além da eco-formação e hetero-formação de um indivíduo, e neste caso de um profissional de Serviço Social, recebida pela educação formal, planos de estudo contextos e ambientes vividos, há uma dimensão interior, subjectiva, emotiva, afectiva, etc, que resulta da auto-formação, é vital transformar o actor social em sujeito, quer dizer, em investigador de si próprio, a par do investigador que se torna facilitador dessa reflexividade e conscientização, para usar as palavras de Paulo Freire (1974).

Se o objectivo é compreender o peso da informalidade e da subjectividade na construção de um *self* pessoal e profissional, a entrevista etnográfica individual (EEI) é fundamental para uma primeira desocultação dos incidentes críticos e modelos e pessoas formativas, assim consideradas pelo próprio entrevistado. Numa segunda etapa, à semelhança do texto de Ana Vieira, também inserido nesta publicação, tencionamos passar no futuro da EEI à entrevista grupal, mais conhecida por focus group (FG), como forma de passar do auto-conhecimento ao hetero-conhecimento da construção do modo de ser Assistente Social.

O caminho que pretendemos trilhar busca o conhecimento e a compreensão do mundo subjectivo dos Assistentes Sociais a entrevistar, sendo nossa preocupação a diversificação dos sujeitos de diferentes contextos formais da formação em serviço

social. Assim, não é nosso objectivo garantir saturação do universo de estudo (Guerra, 2006). Nesta linha pretendemos compreender o que existe para além desta construção formal e objectiva, que se traduz em diferentes formas de habitar a profissão. Quais as condições subjectivas que enformam o modo de habitar e sentir a profissão de Assistente Social?

Para desocultarmos estas realidades não iremos assumir *à priori* um universo estanque de sujeitos a estudar e admitimos que o mesmo se irá redefinindo à medida que formos reflectindo acerca das primeiras entrevistas exploratórias.

“De facto, as características da análise qualitativa não facilitam uma definição a priori do universo de análise, porque, em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa é muito maleável, o objecto evolui, a amostra pode alterar-se ao longo do percurso; e, por outro lado, é difícil (se não mesmo impossível) definir uma amostra sem fazer referência ao processo de construção do objecto; assim, é quase impossível definir uma amostra para as análises qualitativas, dada a diversidade de objectos e métodos.” (Guerra, 2006: 43).

Não contrariando o anteriormente referido, parece-nos oportuno dizer que para esta nossa viagem teremos que partir de algum ponto, de uma posição, que nos permita prosseguir o nosso caminho de investigação. Assim, iremos iniciar o nosso trabalho de campo realizando entrevistas aprofundadas e semi-estruturadas (Guerra, 2006) e com cariz etnobiográfico (Vieira, 2003) a profissionais de Serviço Social, como forma de admitirmos alguma comparação sobre o que está lactente e escondido, mesmo ao nível da consciência dos entrevistados (Caria, 2000; Vieira 1999), para além das condições objectivas da formação e da profissionalização dos Assistentes Sociais.

2 . UMA ASSISTENTE SOCIAL

A Maria José, ou a Zezinha, como é conhecida localmente, nasceu em Constança e aí viveu a sua infância. Tem 45 anos e é Directora da Santa casa da Misericórdia de Abrantes. Começou por estudar Serviço Social em Lisboa, onde ficou por apenas 1 ano, e depois continuou a licenciatura em Coimbra para ficar mais perto do namorado. “Não me arrependo! Arrependo-me da paixoneta, não me arrependo do resto porque vivi

muito a vida de Coimbra. Mas em termos de curso eu acho que tinha ficado mais enriquecida se tivesse ficado em Lisboa”.

Terminado o curso ingressou como profissional no cargo que ainda hoje ocupa. Considera a Santa Casa uma outra escola:

[...] foi mesmo uma escola. Eu comecei aqui com 12 funcionárias e 30 idosos e agora tem esta dimensão toda...portanto...eu cresci com a Casa e a Casa cresceu comigo. Mas foi por opção mesmo, nunca quis sair daqui.

3. A RUA: ESPAÇO DE FORMAÇÃO E DE INTERVENÇÃO.

O primeiro ano de estudos em Lisboa foi marcante para a profissional que ambicionava ser.

Foi. Principalmente na formação que tive em Lisboa, porque em Lisboa trabalhei muito na rua, a maior parte dos trabalhos que fiz foi todos na rua. E eram todos em já conhecia o meio das pessoas aqui de Abrantes, ia com mais facilidade, já conhecia a gíria e o calão e era mais fácil para mim entrar nessas...

[...] sempre me dei... porque as pessoas sempre foram minhas amigas e mesmo os toxicod dependentes eram meus amigos e então apesar de eu nunca ter metido nada, porque não quis, passou-me tudo pelas mãos e tinha um conhecimento grande acerca de ...

Este mundo não lhe era absolutamente estranho. Como jovem tinha vivido próxima de experiências semelhantes.

Desde os 13 anos que tinha experiências de drogas, sempre tive experiências de drogas, porque todos os meus amigos fumavam, praticamente, e depois a seguir começaram a meter para a veia.

Esta vivência parece ter-lhe dado uma grande capacidade e disposição para estar próximo desse mundo das margens bem como para o entender e ajudar.

[...] Sim, sim, sim... E acho que aprendi muito no Casal Ventoso, tive lá algum tempo no Casal Ventoso, no bairro do relógio, na Musgueira e depois, à posteriori fui para o Cais do Sodré fazer um trabalho de código de condutas de honra com jovens marginais e ladrões de carros. E penso que isso abriu-me assim os meus horizontes um bocado.

Quando questionada sobre se eram os professores que recomendavam esses trabalhos de campo ou se era a Maria José que procurava sempre ir para esses terrenos, respondeu prontamente que tinha a ver com as escolhas próprias.

Não, normalmente era sempre eu que procurava sempre ir para esses trabalhos. As minhas colegas não iam e esses trabalhos eram sempre mesmo para mim.

[...] mesmo que não houvesse incentivo por parte dos professores, porque alguns tinham um certo medo, obviamente, que corresse alguma coisa mal, eu, eu..., é que os incentivava a deixarem-me ir para..., para essas áreas. Em Coimbra não tanto, mas em Lisboa foi mais dentro dessas áreas e acho que todos esses factos..., também tive, lidei com prostituição e todos esses factos me abriram os horizontes.

4. “DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO”: ASSISTENTE SOCIAL, UM PROJECTO A NASCER

A entrevista de cariz etnográfico, ainda que exploratória, faz perceber que a vontade de intervenção e trabalho social, bem como a disponibilidade para estar com os mais fragilizados e discriminados é uma disposição atitudinal que bem precocemente surge na vida da Zezinha. Quando lhe perguntamos por que razão e quando se quis tornar assistente social responde, metaforicamente, que já nasceu assistente social.

É assim... Eu acho que... A minha mãe diz que eu já nasci Assistente Social. Portanto, sabe que não lhe sei... não sei definir muito bem o ponto de...

[...]A minha mãe sempre achou que eu tinha uma capacidade incrível para dar aos outros e então achava que eu só podia ser Assistente Social.

[...] Na escola ajudava, refilava quando as minhas colegas que tinham mais carências económicas, não podiam fazer alguma coisa, ou não tinham um caderno ou não sei o quê, e então lá iam os meus cadernos, os meus lápis e essas coisas todas. O que quer dizer que eu chegava a casa sempre sem nada. E muitas vezes ia refilar com as senhoras das lojas por causa de não venderem, e a minha mãe diz que eu sempre tive um apetência muito grande para ser Assistente Social e para ser Cigana. Porque desde miúda que os ciganos me atraíam imenso e continuam a atrair, aliás são todos meus compadres aqui na zona.

[...]

Tenho amigos ciganos, tenho afilhados ciganos e tenho, pronto, vou a casa deles. Vou aos casamentos, sou convidada para ir aos casamentos, vou aos casamentos quando me convidam...

Reconhece que o pai, militar de carreira, sempre a pretendeu educar para “não termos medo de nada”. A ele reconhece o ensino de que “todas as pessoas são iguais”.

o pai nunca estranhou o interesse da Maria José em visitar os toxicodependentes.

Não, nada. Nunca estranhou. Aliás, eu tenho uma história do meu pai que já lhe vai dar um bocado o carácter que era. Eu tenho um irmão, 15 meses mais novo do que eu, e, em determinada altura, ele quis seguir a carreira militar, queria ir para Sargento. Não era pelo facto do meu pai ser oficial que ele ficou muito..., ficou preocupado pelo meu irmão ir para Sargento, não era nada por causa disso. O meu pai é que dizia assim para mim: “ ó Zezé, ainda se fosses tu! Agora o teu irmão vai-me levar a mulher e os filhos para a caserna.” Portanto os meus pais nunca se... isso, isso foi uma situação que o meu pai nunca me pôs, nem nunca pôs qualquer entrave.

A Maria José refere que aos 3 anos disse logo que a única coisa que não queria ser na vida era Professora.

Professora nunca, teria que ser ou Médica..., queria ser Médica ou Enfermeira.

Pronto, obviamente que não, não fui nem uma coisa nem outra por causa da matemática, porque eu sou burra a matemática como tudo. Não era mesmo... é assim, eu com 5 anos já sabia ler e escrever e já ia à biblioteca itinerante buscar livros. Por vezes. E por acaso foi sempre coisa que houve muito lá em casa, o meu pai tem 4500 livros. Portanto, foi sempre coisa que houve muito lá em casa.

[...] Depois, com 8 anos ainda não sabia ver horas, portanto já podem ver... a minha inapetência para números era total. E daí o facto de eu ter enveredado por um curso de letras. Ao enveredar por um curso de letras apesar de gostar muito de História, obviamente estava posto fora de questão, até entrei para história e para Filosofia, mas estava posto fora de questão porque eu não queria ser Professora, portanto só podia ser Assistente Social.

5 – ENTRE LISBOA E COIMBRA: O ENSINO SUPERIOR

A Maria José, apesar do já referido sobre a importância de Lisboa na sua aprendizagem profissional, refere que, contudo, “o ambiente em Lisboa é muito impessoal”.

Por isso questionámos:”E os alunos? Os alunos, se se lembra do seu 1º ano, eram também impessoais? Ou tinham trajectórias semelhantes à sua?

Não. Era um bocado impessoal, até porque vivíamos todos muito longe uns dos outros; não é propriamente um ambiente como o de Coimbra. Uns viviam do outro lado do

Tejo, os outros viviam deste lado, portanto, não dava para termos um grupo unido e fazermos umas noitadas ou fazermos festas ou... tanto que eu fazia... normalmente os meus amigos eram todos do Técnico, da Universidade de Direito, porque havia lá pessoas de Abrantes com quem eu me encontrava mais facilmente.

[...] nunca vivi em casa de familiares! Inicialmente vivi na “messe” de Oficiais de Santa Clara o que era muito giro. Principalmente quando a “ramona” me lá ia pôr.

[...] por vezes havia, como sabe, havia as rugas e eu tava sempre a pedir, tava sempre a pedir que houvesse uma ruga, pelo menos tinha transporte para ir para casa, porque às 3 e 4 da manhã ir sozinha do Cais do Sodré para o... lá para cima para Santa Clara, não era muito agradável, como deve calcular. E então as rugas eram muito boas para mim nesse aspecto, o Senhor que me abria a porta na “messe” de Oficiais é que não achava muita piada.

Quando cheguei a Coimbra foi para o segundo ano e teve equivalências a todas as disciplinas realizadas

Sim, sim. Tive todas as equivalências. Só tive que fazer a Antropologia que em Coimbra era no 1º ano.

Recorda-se do nome da grande maioria dos professores. De diferente, nesta passagem de Lisboa para Coimbra, regista o ambiente académico, que era mais forte.

Havia um espírito académico muito mais forte. E havia um espírito de entreajuda completamente diferente daquele que existia em Lisboa. Em termos de curso, era muito mais... muito mais virado para os livros em si, uma coisa quase institucional, Coimbra tinha aquela... [...] É assim aquela situação que nós temos em Coimbra um saber mais tradicional, mais...

6. “CHE GUEVARA DE SAIAS”:- DO HÁBITO DE INFÂNCIA AO *HABITUS* PROFISSIONAL

Inv. – E pensando sobre o seu estilo de liderança hoje, a maneira como se relaciona com os colegas, com os funcionários. Encontra diferença em relação à primeira vez, ao primeiro ano, ao início, sente que se transformou?

M.J.- Sim, qualquer pessoa se transforma, na altura tinha 23 anos quando cheguei aqui, não é? Agora tenho 45, mas em termos de..., em termos de padrão de liderança, eu penso que mantenho mais ou menos a minha... postura.

Instada a pensar se mudou muito, esta profissional de Serviço Social responde com firmeza que não.

Não, não alterei muito.

E, mais ainda, afirma, convicta, que o seu estilo vem de há muito tempo.

Já era assim na juventude. Sempre fui... [...] Nos trabalhos de grupo, na... também sempre fui muito radical, andava sempre no *rappel*, no *slide*, nas canoagens, nessas coisas todas desde...

A propósito do seu estilo de liderança, diz que privilegia muito as relações humanas.

Eu principalmente privilegio muito as relações humanas, e é através disso, do incentivo.

Principalmente. Eu acho que liderar é incentivar. E se nós soubermos incentivar e... se soubermos fazer as coisas e conseguirmos incentivá-los a fazer da mesma forma que

aprenderam, que tivemos nos cursos de formação, eu acho que temos um bom serviço.

A Maria José reconhece que era já essa forma de estar e de agir que a sua mãe já observava na infância e na adolescência.

Eu acho que sim, a minha mãe e o meu pai.

[...] Porque fiz, tive num colégio de freiras, em que havia só raparigas. O que foi muito giro porque me fez ficar mais rebelde ainda do que aquilo que era. E depois eu acho que os meus pais já fizeram de propósito... E depois... E depois, a seguir, fui para o liceu. Só lá tive os complementares e depois o 12º ano. Já não apanhei o propedêutico, apanhei o 12ª ano.

Parece pois que esse estilo de irreverência e de capacidade de questionar o instituído acompanhou o crescimento e desenvolvimento desta jovem que mais tarde se veio a tornar assistente social. Uma assistente social que sempre gostou da área da saúde e que, hoje ainda, a privilegia na acção social.

[...] Sim, sim, não... isso foi com 3 anos, eu decidi que não queria ser professora, queria ser Médica ou Enfermeira. Mas eu explico porquê! Porque eu brincava muito num hospital, a minha vida foi muito passada num hospital, porquê a minha avó trabalhava numa Misericórdia, na misericórdia de Constância. E os hospitais, os hospitais normalmente pertenciam às Misericórdias e então daí o facto de eu gostar muito de Medicina e de enfermagem e de essas coisas, e ainda gosto. Não vou dizer que não. Depois acabei por tirar vários cursos de socorrismo e de... pronto e que me dão uma certa mais valia, até mesmo aqui, quando há necessidade.

Parece que a irreverência é para com os mais favorecidos e que há, durante toda a história de vida, uma certa tendência para estar sempre com os diferentes, os marginalizados.

É um bocado, talvez... tanto que mesmo não estando ligada a ... é o que tem de bom as Misericórdias, para trabalhar e daí o facto de eu nunca ter saído daqui, é o seguinte: nós aqui temos uma capacidade de gerir as coisas de uma forma totalmente diferente das colegas que estão no público. Estão ou na Segurança Social, ou estão... Temos resposta imediata para as coisas, não temos que estar à espera que venha o dinheiro não sei de onde, ou que venha a ordem não sei de quê, ou que não sei que mais, pronto... nós somos um bocado independentes nesse aspecto, é isso é que eu gosto de ter, de poder agir de imediato, para determinadas situações. Portanto, as colegas do CAT, quando querem que eu seja mãe de algum menino de lá que não tem quem lhe... quem lhe dê a medicação, telefonam para mim: “ ó Zé, olha, vê lá tu se vens aqui assinar o termo de responsabilidade e... e dás a metadona ao fulano” ou qualquer outra coisa, pronto... nós podemos agir de forma muito mais imediata e é isso é que nunca me levou a sair da misericórdia, apesar de ter tido muitas hipóteses de ir para a Segurança Social, de ter tido muitas hipóteses de ir para o hospital...mas eu muito sinceramente encaminhamentos, só

encaminhamentos, não era propriamente aquilo que eu mais gostaria de fazer. Assim, para além de ter a gestão dos recursos humanos e da casa em si e poder falar com os idosos e isso tudo, também temos o trabalho da comunidade, com a habitação social, com esse tipo de coisas todas, que me dá um certo gozo, porque ao fim ao cabo, a minha profissão é estendida por todas as áreas, continua a estar estendida por todas as áreas, coisa que eu nunca faria se estivesse ligada a um sector em específico.

[...] Eu quando estou só a fazer uma coisa fico muito...fico deprimida.

Apesar do reconhecimento para com o pai, relativamente a lhe ter ensinado a ver os humanos como seres iguais, não deixa de reflectir sobre o modo como, sem consciência de tal, o pai a levou a ver a diferença que anteriormente era natural. De alguma forma estamos perante o exemplo dos adultos que levam tantas vezes as crianças a rotularem e a classificarem as diferenças que logo se transformam em desigualdades.

Sim, foi muito formativo. A forma, por exemplo, como que...eu a primeira vez, a primeira vez que vi um negro, era um grande amigo do meu pai, tinha 4 anos. E eu nunca tinha visto...e o meu pai desse-me uma coisa que eu com 4 anos ainda hoje me lembro, e que eu fiquei muito escandalizada por ele me ter dito aquilo. E ainda hoje aquilo me marcou, nas marcou-me de forma negativa. E então... ele era colega do meu pai, era Capitão na altura, e era Moçambicano. Vou falar com ele, eu fui, fui à procura do meu pai e depois encontrei-os a falarem, até foi em Tomar. E o meu pai disse assim: “olha Zézé, dá um beijinho a este senhor, que é amigo do papá, ele tem uma cor diferente, mas é igual a não e não sei o quê...” Eu, o facto dele me ter dito que ele tinha uma cor diferente, eu senti-me tão mal, tão escandalizada que eu ainda hoje me lembro. Porque para mim, aliás mesmo...é engraçado porque os meus filhos nunca fazem esse tipo de perguntas e para mim era uma situação normal, apesar de nunca ter visto nenhum, eu também não ia dizer nada em...

À laia de conclusão, esta etnografia da vida de uma assistente social, captada ainda muito superficialmente com recurso a entrevistas biográficas como conversa, designadas neste texto de etnobiografias mostra como os hábitos da infância se vão transformando ou, melhor ainda, vão dando origem à gramática de atitudes presente no ser e agir de profissional, o habitus que celebrizou Bourdieu e suas análises sociológicas e antropológicas.

Mas em relação aquilo que se diz e aquilo que se faz, eu acho que agora, se calhar, com 45 anos, costumo dizer que continuo a ser sempre a mesma tonta, a mesma parva que acredita em utopias e que vai acreditando em utopias, mas eu acho que se não fosse assim, também não era eu. Eu vou continuando a lutar e a pensar que existem utopias e que podemos fazer algumas coisas melhores. Mas já a maior parte das pessoas que eu ouço, mesmo amigos meus, têm mudado muito ao longo do tempo.

A Maria José afirma ser contra o politicamente correcto, como sempre foi, e que, talvez também por isso, lhe continuam a chamar, por vezes, “a Che Guevara de saias”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. (1997). *Razões Práticas, sobre a teoria da Acção*. Oeiras: Celta Editora.
- BOURDIEU, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática*. Oeiras: Celta Editora.
- CARIA, T. (2000). *A Cultura Profissional dos Professores. O uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*, Lisboa: Gulbenkian.
- CARIA, T. (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- FREIRE, P. (1974). *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- GUERRA, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- Sentidos e formas de uso*, Lisboa: Principia.
- JOSSO, M. C. (2002). “As dimensões formadoras da escrita da narrativa da história de vida: da estranheza do outro à estranheza de si” in JOSSO, Marie Christine (2002). *Experiências de vida e formação*, Lisboa: Educa, (pp. 130-146).
- POIRIER, J. (1995). *Histórias de Vida, Teoria e Prática*, Lisboa: Celta
- RIBEIRO, J. S. (2003). *Métodos e técnicas de investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- STEW, G. (1996). “New meanings: a qualitative study of change in nursing education.” in *Jornal of Advanced Nursing*, 23, pp 587- 593.
- VIEIRA, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades, Professores e Interculturalidade*. Porto: Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2003). “Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos” in TELMO H. C. *Experiências etnográficas em Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.